



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA /BACHERELADO EM LETRAS

KEYLLA SUNAMITA PEREIRA DA SILVA

**Coesão referencial: o uso da anáfora nas tirinhas no livro didático
do Ensino Fundamental Anos Finais**

RECIFE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA /BACHERELADO EM LETRAS

KEYLLA SUNAMITA PEREIRA DA SILVA

**Coesão referencial: o uso da anáfora nas tirinhas no livro didático
do Ensino Fundamental Anos Finais**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras à distância da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador(a): Marcelo Amorim Sibaldo

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva , Keylla Sunamita Pereira da .

Coesão referencial: o uso da anáfora nas tirinhas no livro didático do Ensino Fundamental Anos Finais / Keylla Sunamita Pereira da Silva . - Recife,2024.

28

Orientador(a): Professor Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal dePernambuco, Centro de Tecnologia e Geociências, Letras Português - Licenciatura, 2024.

1. Coesão Referencial . 2. Anáfora . 3. Livro Didático . 4. Ensino Fundamental . I. Sibaldo, Professor Dr. Marcelo

KEYLLA SUNAMITA PEREIRA DA SILVA

Coesão referencial: o uso da anáfora nas tirinhas no livro didático do Ensino Fundamental Anos Finais

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 24 / 10 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor Técio Oliveira Macedo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Agradecimentos

Salomão, inspirado pelo divino Espírito Santo, nos deixou um conselho em Eclesiastes 3:1, que diz: "tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.". Hoje, ao tempo em que deixo para trás a academia - essa que em quase seis anos parecia inalcançável - de igual modo, dou início a uma nova etapa em minha vida: a carreira profissional. À força de pequenas coisas!

Diversas pessoas merecem integrar este elemento pré-textual. De modo que, serei sucinta ao referir-me através de palavras, mas estas denotam generalização direcionada às pessoas que são valiosas e que possuo grande estima.

Agradeço a toda minha família, que de forma ou outra, cada um teve uma parcela contribuidora para que esse sonho fosse concretizado. Sempre me apoiaram e vibraram cada mínima conquista minha. Destaco ênfase aos meus pais, a eles, o presente e o futuro (quicá a incerteza); a eles: tudo que eu sou.

Ao meu pai, Felipe, que sempre acreditou em mim e nunca mediu esforços para que eu chegasse até aqui. À minha mãe, Miriam, por todo seu apoio diário, zelo e perseverança nos momentos mais aflitos; e acima de tudo, seu companheirismo intercorrente durante essa caminhada que até aqui fora percorrida. Meus adoráveis irmãos Eliabe, Joabe e Abinadabe, que tanto me incentivam a nunca desistir da vida acadêmica, minhas cunhadas e aos meus apaixonantes e queridos sobrinhos.

Ao meu futuro esposo, Júnior Lima, este que realmente faz entender meus momentos de impaciência e ausência. Partilhar cada conquista ao teu lado e ter sua convivência durante esses anos tornaram a trajetória mais leve.

Ao corpo docente da faculdade, em especial ao meu querido orientador, prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo, sempre solícito e muito prestativo. As professoras e Dra's. Evandra Grigoletto e Glaucia Renata Pereira do Nascimento, seus métodos de ensino sempre tão cativantes quanto ela; a professora Juliana Cristina de Andrade nunca me esquecerei dos seus ensinamentos, nem muito menos dos seus conselhos.

Aos meus dois companheiros dessa labuta acadêmica, hoje entendo que para viver uma verdadeira amizade foi preciso que nossos destinos se encontrassem. Para sempre eternizados em mim. Estendo a minha gratidão as minhas adoráveis primas Maria Rafaelle e Maria Gabrielle, em quem me espelho tanto profissionalmente quanto na vida, pelo suporte e intermediações em várias etapas desse projeto. Merecem meus agradecimentos pelo apoio.

Ao meu Deus, infindas são as bênçãos sob minha vida. Minha resiliência e sabedoria foi Ele quem me deu e até aqui me sustentou. Soli Deo Gloria!

Sumário	
Resumo	8
Introdução	10
Referencial Teórico	12
Metodologia	19
<i>1. Adequação ao Nível de Ensino</i>	19
<i>2. Presença de Anáforas Diversas</i>	19
<i>3. Coesão Textual</i>	20
<i>4. Variedade de Personagens e Situações</i>	20
<i>5. Aspectos Visuais</i>	20
<i>6. Contexto Sociocultural</i>	21
<i>7. Critérios Pedagógicos</i>	21
Análise de Dados	21
Considerações Finais	27
Referências Bibliográficas	29

Resumo

Este trabalho analisa como se dá o uso da coesão referencial, especificamente a anáfora, nas tirinhas presentes no livro didático do Ensino Fundamental anos finais. A pesquisa investiga como o uso da anáfora contribui para a coesão textual e facilita a compreensão por parte dos alunos, levando em consideração as habilidades trazidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As tirinhas, por combinarem elementos verbais e visuais, representam um gênero textual adequado para explorar os recursos de coesão, uma vez que o uso de pronomes e expressões anafóricas ajuda a manter a continuidade e clareza da narrativa que pode se dar a partir de suas múltiplas semioses. Os resultados indicam que, ao aprenderem a identificar e utilizar esses recursos de maneira eficiente, os alunos aprimoram suas habilidades de leitura e compreensão textual, tornando-se leitores mais críticos e proficientes. O estudo conclui que as tirinhas são ferramentas pedagógicas eficazes, oferecendo aos alunos um meio acessível e dinâmico de explorar a coesão textual e desenvolver suas competências linguísticas.

Palavras-chave: Coesão Textual; Anáfora; Livro Didático.

Abstract

This work analyzes how referential cohesion is used, specifically anaphora, in comic strips present in elementary school textbook in the final years. The research investigates how the use of anaphora contributes to textual cohesion and facilitates understanding by students, taking into account the skills brought by the National Common Curricular Base (BNCC). Comic strips, by combining verbal and visual elements, represent a suitable textual genre to explore cohesion resources, since the use of pronouns and anaphoric expressions helps to maintain the continuity and clarity of the narrative that can occur from its multiple semiosis. The results indicate that, by learning to identify and use these resources efficiently, students improve their reading and text comprehension skills, becoming more critical and proficient readers. The study concludes that comic strips are effective pedagogical tools, offering students an accessible and dynamic means of exploring textual cohesion and developing their language skills.

Keywords: Textual Cohesion; Anaphora; Textbook.

Introdução

A coesão referencial é um dos pilares fundamentais para garantir a continuidade e a clareza de um texto. Entre os diversos recursos coesivos, destaca-se a anáfora, um mecanismo que estabelece a ligação entre diferentes partes de um enunciado, referindo-se a elementos previamente mencionados. No contexto dos livros didáticos do Ensino Fundamental – Anos Finais, as tirinhas têm sido amplamente utilizadas como recurso pedagógico. Elas, além de promoverem a ludicidade e o envolvimento dos alunos, oferecem oportunidades para trabalhar elementos linguísticos essenciais, como a coesão, além de se poder trabalhar os elementos de outras semioses que são importantes na compreensão do texto. Este trabalho tem como foco o estudo da anáfora nas tirinhas presentes nos livros didáticos do Ensino Fundamental, com o objetivo de compreender como esse recurso coesivo contribui para a construção do sentido nas narrativas.

Estudar a coesão referencial, especialmente o uso da anáfora, no contexto das tirinhas é relevante por diversas razões. Primeiramente, a coesão referencial é um aspecto-chave para o desenvolvimento da competência textual dos alunos, sendo indispensável para a produção e interpretação de textos coerentes. As tirinhas, por sua natureza concisa e muitas vezes ambígua, apresentam uma estrutura que exige do leitor a habilidade de fazer inferências e estabelecer ligações entre os elementos textuais e contextuais. Assim, o estudo da anáfora nas tirinhas pode proporcionar aos alunos ferramentas que auxiliem na leitura crítica e na compreensão global dos textos, contribuindo para o seu desenvolvimento linguístico. Além disso, ao compreenderem como os recursos coesivos funcionam, os alunos podem melhorar suas próprias produções textuais, tornando-se escritores mais habilidosos.

A linguagem verbal e a visual se entrelaçam de maneira singular nas tirinhas, um gênero textual que, apesar de sua brevidade, é rico em recursos linguísticos, semióticos e estilísticos. Entre esses recursos, a anáfora destaca-se como um dos principais elementos responsáveis pela coesão textual e pela construção do sentido nas narrativas gráficas. A anáfora, ao retomar elementos

previamente mencionados, contribui para a continuidade da mensagem, facilitando a compreensão e a fluidez do texto.

Nas tirinhas, a anáfora não apenas mantém a coesão verbal, mas também dialoga com elementos visuais, ampliando a interação entre texto e imagem. Isso é particularmente relevante em um gênero em que o espaço é limitado e cada palavra, expressão ou elemento visual devem ser cuidadosamente escolhidos para transmitir a mensagem de forma clara e eficaz.

O objetivo geral deste estudo é analisar como a anáfora é utilizada nas tirinhas presentes nos livros didáticos do Ensino Fundamental – Anos Finais. Para alcançar este objetivo, são delineados os seguintes objetivos específicos: identificar os diferentes tipos de anáfora empregados nas tirinhas; discutir o impacto desse recurso na compreensão dos textos pelos alunos; e verificar a frequência com que a anáfora é usada como recurso coesivo nas tirinhas didáticas.

A escolha do livro didático *Se liga na língua*, de Wilton Ormundo, para a análise de anáforas fundamenta-se na relevância da obra no contexto educacional. O material apresenta uma abordagem pedagógica contemporânea, com conteúdo alinhado às práticas de ensino da língua portuguesa que priorizam a compreensão de fenômenos linguísticos em situações reais de comunicação. Através de uma linguagem clara e acessível, o livro possibilita a observação de diversos mecanismos de coesão textual, com destaque para o uso de anáforas, o que o torna um objeto de estudo apropriado para a análise dos processos de referência e organização textual.

A análise da obra *Se liga na língua*, de Wilton Ormundo, à luz das habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relacionadas à coesão textual, revela uma convergência significativa entre os objetivos pedagógicos do material e as diretrizes oficiais. A BNCC enfatiza o desenvolvimento da competência linguística dos alunos por meio da compreensão e produção de textos coesos e coerentes, destacando a importância da coesão referencial, na qual a anáfora desempenha um papel central. O livro didático escolhido promove uma abordagem prática e contextualizada desses conceitos, permitindo que os estudantes exercitem a identificação e o uso de anáforas em diferentes gêneros

textuais. Essa correspondência entre o conteúdo do livro e as habilidades exigidas pela BNCC legitima sua utilização como objeto de análise, ao passo que oferece uma base teórica sólida para a investigação dos mecanismos de coesão presentes nos textos trabalhados.

A metodologia adotada para a realização deste estudo envolve a coleta e análise qualitativa de dados. Primeiramente, será feita a seleção de tirinhas presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa destinados aos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em seguida, será realizada uma análise das ocorrências de anáfora nessas tirinhas, identificando os tipos e funções que desempenham no contexto do texto. A análise qualitativa buscará interpretar de que forma o uso da anáfora contribui para a coesão textual e para a compreensão global das tirinhas por parte dos alunos.

1. Referencial Teórico

A coesão textual é um dos principais mecanismos responsáveis pela construção de sentido em um texto. Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 4), a coesão refere-se aos recursos linguísticos que fazem com que uma sequência de frases ou enunciados seja percebida como um texto coeso e não como um amontoado de palavras desconexas. Entre os mecanismos de coesão textual, destaca-se a coesão referencial, que se baseia no uso de elementos que remetem a outras partes do texto, estabelecendo uma rede de referências que garante a continuidade semântica. A coesão referencial, portanto, contribui diretamente para a fluidez e compreensão do texto, pois facilita ao leitor a tarefa de identificar e associar informações dispersas ao longo do discurso.

No ensino da Língua Portuguesa, a coesão referencial assume papel de grande importância, uma vez que é através dela que os alunos conseguem desenvolver a habilidade de construir e interpretar textos de forma adequada, reconhecendo as ligações entre os elementos que compõem a narrativa. Como apontam Koch e Elias (2014), a capacidade de identificar e empregar adequadamente recursos coesivos, como a anáfora, é um dos fatores que garantem a coerência de uma produção textual.

A anáfora é amplamente reconhecida como um dos mecanismos mais frequentes e fundamentais da coesão referencial, desempenhando um papel crucial na construção de textos coesos e fluídos. Esse conceito refere-se ao uso de um termo que retoma um referente já mencionado anteriormente, evitando repetições desnecessárias e garantindo a continuidade do discurso. De acordo com Marcuschi (2008), a anáfora pode ser classificada em diferentes tipos, com destaque para a *anáfora pronominal* e a *anáfora lexical*. A anáfora pronominal ocorre quando pronomes pessoais, demonstrativos ou relativos retomam elementos já introduzidos, enquanto a anáfora lexical faz essa retomada por meio de sinônimos, hiperônimos ou expressões mais específicas ou genéricas em relação ao termo inicial.

A função primordial da anáfora, como apontado por Koch (2011), é a de assegurar a coesão do texto, possibilitando ao leitor ou ouvinte acompanhar o desenvolvimento das ideias de maneira fluida, sem interrupções que prejudiquem a compreensão. Isso é particularmente importante em textos longos, nos quais o excesso de repetições pode se tornar cansativo e comprometer a clareza. A retomada anafórica não se restringe ao uso de pronomes, como observa Neves (2000), mas pode envolver também expressões sinonímicas, hiponímicas ou hiperônimas, o que amplia as possibilidades de referencialidade dentro de um texto.

Além disso, a anáfora desempenha um papel pedagógico importante. Para Koch (2011), o ensino desse mecanismo de coesão é essencial no processo de formação de escritores competentes, uma vez que o domínio da anáfora permite a construção de textos mais elaborados e eficazes, tanto no âmbito escolar quanto em outras situações comunicativas. A capacidade de fazer uso adequado das anáforas não só contribui para a clareza textual, mas também para a elegância e sofisticação do discurso, qualidades valorizadas em diversos contextos acadêmicos e profissionais.

Um exemplo de anáfora pode ser observado na frase: "João comprou um livro novo. Ele estava ansioso para lê-lo." Nesse caso, a palavra "ele" funciona como um elemento anafórico, retomando o termo "João" mencionado anteriormente, garantindo a coesão referencial do enunciado. Esse tipo de anáfora é comum em textos escritos e falados, servindo como um mecanismo fundamental para evitar

repetições excessivas e facilitar a progressão semântica do discurso, contribuindo para a clareza e continuidade textual.

Em contraponto à anáfora, temos a catáfora, um outro mecanismo coesivo que desempenha um papel complementar na estruturação do discurso. Enquanto a anáfora retoma informações já mencionadas, a catáfora antecipa um termo ou ideia que será explicitado mais tarde no texto. De acordo com Travaglia (1991), a catáfora funciona como um recurso de antecipação, criando uma expectativa no leitor ou ouvinte sobre a informação que será revelada posteriormente. Um exemplo típico de catáfora é: "Ela estava ansiosa para o evento: Maria finalmente iria apresentar seu trabalho." Aqui, o pronome "ela" antecipa o sujeito "Maria", que será introduzido mais adiante no enunciado.

A catáfora, embora menos frequente que a anáfora no uso cotidiano, possui um papel importante na construção de certos tipos de texto, especialmente aqueles que têm um caráter mais literário ou discursivo. Como aponta Marcuschi (2008), esse mecanismo é particularmente útil na criação de suspense ou de um efeito estilístico em narrativas, permitindo que o leitor ou ouvinte faça inferências antes que a informação completa seja apresentada. Em contextos formais, a catáfora pode ser utilizada como estratégia para guiar a atenção do leitor de forma mais controlada, preparando-o para a introdução de conceitos ou informações-chave.

Koch (2004) também destaca que, embora a anáfora seja mais comum no uso cotidiano da língua, devido à sua função de referenciar elementos já conhecidos e facilitar o fluxo da comunicação, a catáfora desempenha um papel relevante em contextos estilísticos e formais. A catáfora é frequentemente empregada em narrativas, discursos persuasivos e textos literários com o objetivo de construir um efeito de expectativa. Em obras literárias, por exemplo, autores podem usar catáforas para retardar a revelação de personagens ou eventos cruciais, mantendo o leitor envolvido e interessado na trama.

Ainda de acordo com Cunha e Cintra (2008), a catáfora pode ser considerada um recurso estilístico poderoso, embora seu uso seja menos frequente em contextos comunicativos cotidianos, como na fala espontânea. No entanto, quando empregada adequadamente, a catáfora pode enriquecer o texto, oferecendo

uma experiência de leitura mais dinâmica e instigante, especialmente em gêneros textuais que exigem maior controle sobre a progressão das informações.

A comparação entre anáfora e catáfora evidencia que ambos os mecanismos possuem funções distintas, mas complementares, na construção da coesão textual. A anáfora, ao retomar informações já mencionadas, garante a continuidade e a fluidez do texto, sendo fundamental para a coesão referencial. Por outro lado, a catáfora cria expectativa e prepara o terreno para a introdução de novas informações, atuando mais frequentemente em contextos narrativos ou persuasivos, onde o controle da antecipação é crucial para o efeito desejado. Dessa forma, tanto a anáfora quanto a catáfora são indispensáveis para a construção de textos bem estruturados e coesos, embora suas aplicações variem conforme o contexto comunicativo.

É importante ressaltar que o domínio desses mecanismos coesivos é essencial para o desenvolvimento de habilidades de escrita e compreensão textual. A compreensão dos diferentes tipos de anáfora e do funcionamento da catáfora permite ao escritor construir textos mais claros, eficientes e agradáveis de ler. Além disso, esses recursos facilitam a construção de textos mais sofisticados, que exigem uma maior capacidade de controle sobre as referências internas e externas, contribuindo para uma comunicação mais eficaz em diversos contextos.

As tirinhas, como gênero textual, caracterizam-se por uma linguagem concisa, muitas vezes humorística, que combina texto verbal e imagem para transmitir significados de maneira rápida e eficaz. De acordo com Ramos (2017), a linguagem das tirinhas se destaca pela necessidade de condensar informações e utilizar elementos de coesão e coerência de forma estratégica, a fim de garantir que o leitor compreenda o enredo em poucas palavras e quadros. Nesse contexto, o uso da coesão referencial, e mais especificamente da anáfora, é bastante recorrente, uma vez que permite que o autor da tirinha mantenha a continuidade do texto sem precisar repetir constantemente as mesmas informações.

Além disso, as tirinhas oferecem um campo fértil para o ensino de conceitos linguísticos, como a *coesão* e a *coerência*. Por serem textos curtos, de fácil leitura e geralmente acompanhados de imagens, elas proporcionam um

ambiente propício para a prática de identificação e análise de recursos coesivos. Segundo Marcuschi (2008), gêneros textuais como as tirinhas favorecem o desenvolvimento da competência leitora dos alunos, pois os forçam a realizar inferências e estabelecer conexões entre os elementos do texto e das imagens, o que também pode auxiliar no ensino da coesão textual.

O livro didático desempenha um papel central no ensino da língua portuguesa, especialmente no que diz respeito à abordagem dos recursos de coesão textual. Segundo Lajolo (1996), os livros didáticos funcionam como um guia estruturado para o desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos, oferecendo atividades e exemplos que ajudam na compreensão e prática dos diferentes mecanismos de coesão, como a anáfora. Além disso, eles desempenham a função de mediar o contato dos estudantes com diversos gêneros textuais, incluindo as tirinhas, que, como mencionado, são excelentes ferramentas para ensinar coesão e coerência.

Ainda de acordo com Machado (2010), é fundamental que o ensino da coesão textual nos livros didáticos não se restrinja à explicação teórica dos conceitos, mas que se integre à prática de leitura e produção de textos. Nesse sentido, a utilização de tirinhas em atividades propostas nos livros didáticos contribui para que os alunos possam observar o funcionamento da coesão referencial em situações concretas e desenvolver suas habilidades de leitura e escrita de maneira contextualizada. A realização desse movimento é necessária a existência de alguns pontos, como Adequação ao Nível de Ensino, para compreender o desenvolvimento da leitura e da escrita nas crianças, é essencial considerar o conceito de adequação ao nível de ensino, fundamentado nos estágios do desenvolvimento cognitivo propostos por Piaget. Embora a teoria de Piaget não aborde diretamente o ensino de leitura, ela oferece uma base teórica relevante para entender as capacidades de compreensão e abstração das crianças em diferentes fases etárias. Especificamente, no ensino fundamental, as crianças geralmente estão no estágio operatório concreto, no qual o pensamento abstrato ainda é limitado. Assim, para promover o aprendizado eficaz, é necessário que o material didático esteja vinculado a situações concretas e adequado ao nível de abstração alcançado nesse estágio (Piaget, 1976, p. 88).

Para fundamentar a seleção de tirinhas com anáforas pronominais, nominais e elípticas, é pertinente recorrer a autores que se dedicam ao estudo da coesão e coerência textual, assim como ao papel das anáforas na compreensão de textos. Evanildo Bechara, em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa*, oferece uma análise aprofundada sobre o uso das anáforas pronominais e elípticas no português. Suas observações elucidam como esses elementos anafóricos contribuem para a coesão textual, auxiliando na conexão entre ideias e na progressão discursiva, tornando-se assim um referencial essencial para a seleção de materiais que promovam a compreensão da coesão no contexto de leitura e análise textual (Bechara, 2009). Bechara também examina de maneira abrangente os aspectos gramaticais e sintáticos envolvidos na coesão textual, com especial enfoque na coesão referencial e lexical. Ele esclarece como pronomes, substantivos e elipses desempenham um papel crucial na continuidade do texto e na recuperação de referentes, fatores essenciais para que o leitor acompanhe a narrativa de forma fluida. Dessa forma, as tirinhas se tornam recursos didáticos eficazes para a identificação e estudo das anáforas, favorecendo o desenvolvimento de competências interpretativas e de coesão textual. Bechara, ainda, analisa como a variedade de elementos em uma narrativa intensifica o uso de anáforas, principalmente pronomes e elipses, para manter a clareza sem sobrecarregar o texto com repetições. Ele destaca que, em textos com vários personagens ou temas, como tirinhas, o uso de anáforas se torna indispensável para facilitar a retomada dos sujeitos e objetos, promovendo a fluidez e a continuidade.

A análise semiótica desempenha um papel essencial na compreensão das tirinhas, particularmente ao explorar como os elementos visuais e textuais interagem para formar um sentido coeso e facilitar o entendimento de referências e anáforas. Essa perspectiva é amplamente discutida por Roland Barthes em seu livro *Imagem, Música, Texto* (1984), onde ele introduz o conceito de âncora (anchorage). Segundo Barthes, o texto e a imagem funcionam de forma complementar, cada um oferecendo informações que ajudam a moldar o significado final. Ele afirma que "a imagem visual possui a capacidade de direcionar ou até modificar a interpretação do texto" (BARTHES, 1984, p. 38), sugerindo que essa inter-relação é fundamental para a criação de uma referência coesa e clara. Essa visão de Barthes destaca a maneira como o texto e a imagem atuam conjuntamente, estabelecendo uma "âncora" que

facilita a compreensão do conteúdo. Isso é particularmente relevante nas tirinhas, onde o diálogo entre o visual e o verbal é necessário para que o leitor interprete as nuances e as referências propostas. Barthes observa ainda que essa interação possibilita uma experiência interpretativa mais rica, na qual o leitor é conduzido a uma compreensão mais aprofundada do material (BARTHES, 1984, p. 39). Em suma, sua análise semiótica demonstra como os elementos textuais e visuais são codificados de maneira a gerar um sentido completo e interdependente, reforçando a coesão e a inteligibilidade das referências.

O contexto sociocultural desempenha um papel central na seleção de tirinhas para o ensino fundamental, pois conecta os conteúdos com ambientes e situações familiares aos alunos, o que facilita a compreensão de referências textuais, como as anáforas. Em *Pedagogia do Oprimido* (1970), Paulo Freire enfatiza que a educação deve estar ligada à realidade social dos estudantes, defendendo que o material educacional precisa refletir o contexto e as experiências dos alunos para promover uma aprendizagem significativa e engajada. Ele argumenta que “a educação deve partir do contexto do aluno, de sua vida e de seu mundo” (FREIRE, 1970, p. 39), sugerindo que a familiaridade com o conteúdo é fundamental para que o aluno compreenda melhor os elementos coesivos presentes no texto, como as anáforas. Essa abordagem se torna ainda mais eficaz quando aplicada a materiais como tirinhas, que apresentam situações e personagens cotidianos. A utilização de tirinhas permite que os alunos se identifiquem e compreendam de forma mais direta as referências, facilitando a interpretação e o reconhecimento de elementos coesivos. Essa conexão com o real se alinha com as ideias de Freire, promovendo uma educação que não apenas transmite conteúdo, mas também cria um ambiente de aprendizagem ativo e contextualizado (FREIRE, 1970, p. 45).

No âmbito das diretrizes curriculares, Antônio Carlos Gomes da Costa discute a importância da escolha de materiais que atendam aos objetivos pedagógicos das disciplinas. Em *A Nova LDB: Ranços e Avanços* (1997), Costa destaca que a seleção de recursos como tirinhas é uma estratégia pedagógica eficiente para ensinar coesão textual, anáforas e outros aspectos textuais, pois esses gêneros capturam o interesse dos alunos e viabilizam a aplicação prática dos conteúdos. Segundo Costa, “a escolha de materiais didáticos deve levar em conta o

envolvimento do aluno e os objetivos de aprendizagem, especialmente no ensino de habilidades textuais” (COSTA, 1997, p. 62). A abordagem defendida por Costa indica que o uso de gêneros textuais como as tirinhas, ao dialogar com o cotidiano dos estudantes, contribui para a interpretação e compreensão dos elementos coesivos presentes no texto

2. Metodologia

A seleção de tirinhas para análise de anáfora em livros didáticos de ensino fundamental normalmente segue uma metodologia cuidadosamente planejada. Isso envolve considerar tanto critérios pedagógicos quanto linguísticos para garantir que o material ofereça exemplos relevantes e compreensíveis para o nível de ensino. Vou detalhar os principais aspectos que serão levados em conta nesse processo:

1. Adequação ao Nível de Ensino

As tirinhas selecionadas precisam estar alinhadas com o nível de compreensão dos alunos do ensino fundamental. Isso significa que devem ter uma linguagem simples, sem exigir um conhecimento muito avançado de leitura, mas ainda assim desafiadoras o suficiente para estimular o desenvolvimento da habilidade de reconhecer anáforas.

- Tirinhas com vocabulário acessível: Escolhe-se tirinhas que utilizem um vocabulário adequado à faixa etária.

- Estrutura textual clara: Tirar proveito de tirinhas com um enredo simples e coeso para facilitar a identificação de elementos como as anáforas.

2. Presença de Anáforas Diversas

Para que as tirinhas sejam úteis em uma análise de anáforas, é fundamental que contenham exemplos claros de anáforas pronominais, nominais e até mesmo elípticas. A seleção das tirinhas considera a riqueza desses elementos.

- Anáforas pronominais: O uso de pronomes (ele, ela, isso) que se referem a personagens ou objetos previamente mencionados.

- Anáforas nominais: a retomada de um elemento por meio de substantivos ou sinônimos.

- Anáforas elípticas: as omissões de palavras que podem ser inferidas pelo contexto anterior.

3. *Coesão Textual*

A coesão é um critério importante, pois ajuda a entender como os diferentes elementos da tirinha se relacionam, especialmente no caso das anáforas. Tirinhas com uma estrutura coesa facilitam o processo de identificação de referência textual.

- Continuidade de Referência: Tirinhas onde o contexto evolui de forma natural, permitindo que o aluno perceba como as anáforas funcionam para dar continuidade ao texto.

- Resolução de Referências: Tirinhas em que é claro a qual elemento a anáfora está se referindo, evitando ambiguidades excessivas para não confundir os estudantes.

4. *Variedade de Personagens e Situações*

A variedade de personagens e situações nas tirinhas facilita a introdução de diferentes tipos de anáfora. Em uma tirinha com muitos personagens, por exemplo, o uso de pronomes anafóricos tende a ser mais evidente, já que há mais elementos para serem retomados.

- Interação entre personagens: A conversa entre personagens oferece muitas oportunidades para o uso de anáforas, tanto para evitar repetições quanto para manter a fluidez da narrativa.

- Cenários simples: As situações também precisam ser simples o suficiente para não sobrecarregar o entendimento dos alunos, mas variadas o bastante para engajar a leitura.

5. *Aspectos Semióticos*

Como as tirinhas são um recurso visual e textual, a análise das anáforas também deve considerar como a imagem contribui para a compreensão das referências textuais.

- Relação imagem-texto: O texto nas tirinhas geralmente é curto e apoiado pelas imagens. As ilustrações podem ajudar os alunos a entenderem as anáforas, especialmente quando os pronomes se referem a personagens ou objetos visíveis nas imagens.

6. Contexto Sociocultural

Tirinhas também são selecionadas com base no seu contexto sociocultural, garantindo que reflitam situações que os alunos do ensino fundamental possam entender ou com as quais se identifiquem. O uso de anáforas em contextos familiares ou cotidianos facilita a compreensão e o reconhecimento das referências.

7. Critérios Pedagógicos

Muitas vezes, os livros didáticos seguem diretrizes curriculares, que orientam o professor a trabalhar com certos tipos de textos. No caso das anáforas, tirinhas podem ser escolhidas para ilustrar lições sobre coesão textual, pronomes e estrutura narrativa.

- Objetivos de aprendizagem: A seleção de tirinhas é feita em consonância com os objetivos de aprendizagem definidos para a disciplina de Língua Portuguesa.

- Exercícios complementares: As tirinhas são acompanhadas de atividades que pedem aos alunos que identifiquem e expliquem as anáforas, reforçando o aprendizado.

3. Análise de Dados

A análise de tirinhas no contexto educacional oferece uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de habilidades de leitura e compreensão textual. A seguir, será feita uma análise das anáforas presentes em tirinhas, com foco em sua adequação para o ensino fundamental, levando em consideração critérios linguísticos, pedagógicos e socioculturais.

A escolha do livro "Se liga na língua", de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, para a presente análise, justifica-se por seu caráter didático e por sua capacidade de abordar a língua portuguesa de forma lúdica e acessível, aspectos fundamentais para o público-alvo constituído por alunos do ensino fundamental. A

obra apresenta uma série de tirinhas que tratam de temas relevantes para o cotidiano dos estudantes, utilizando uma linguagem simples e direta, que facilita a identificação dos mecanismos de coesão textual, como a anáfora. Ademais, o livro se destaca por promover reflexões socioculturais pertinentes, contribuindo para a formação crítica dos alunos. Esse alinhamento entre a abordagem linguística e o contexto sociocultural das tirinhas reforça a relevância da obra para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Figura 1: Tirinha 1



Priscila Vieira. Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. *Se liga na língua*. São Paulo, 2018. p. 205.

A análise da tirinha de Priscila Vieira evidencia o uso da anáfora como um recurso essencial para a coesão textual, particularmente pela retomada do substantivo "amor" através do pronome "o" no último quadrinho. Esse mecanismo linguístico, característico das anáforas pronominais, desempenha um papel central na construção de continuidade entre as partes do texto, conectando os quadrinhos e promovendo uma estrutura coesa. Em um contexto pedagógico, tal estratégia é adequada para a abordagem de níveis de ensino fundamental II e médio, uma vez

que permite explorar aspectos fundamentais da coesão textual e da interpretação de diferentes tipos de anáforas.

A limitação da variedade de personagens e de situações na tirinha, com apenas dois personagens envolvidos em uma interação repetida, oferece menos possibilidades de análise no âmbito das relações interpessoais complexas. Contudo, isso é compensado pela ironia presente na abordagem do tema amoroso, que reflete valores culturais e comportamentais sobre os relacionamentos. A imagem da personagem lendo um livro sobre amor, aliada ao texto, enriquece a interpretação semiótica da obra, propondo discussões sobre o papel das convenções sociais no entendimento de conceitos como o "amor".

Assim, a tirinha se revela um recurso didático eficiente, pois possibilita análises que vão além do nível superficial da linguagem, alcançando discussões semióticas, socioculturais e pedagógicas. O uso das anáforas pronominais, por exemplo, pode ser utilizado para exemplificar a importância da coesão e da coerência em textos multimodais.

Figura 2: Tirinha 2



Adão Iturrusgarai. Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. Se liga na língua. São Paulo, 2018. p. 204.

A análise da tirinha evidencia a função coesiva da anáfora "ele", que se refere ao personagem Zezo no primeiro quadrinho. Esse uso anafórico é essencial para garantir a continuidade e a coesão textual, permitindo ao leitor estabelecer conexões entre as partes do enunciado. Em termos pedagógicos, essa estratégia é

adequada para os níveis de ensino fundamental II e médio, uma vez que exige uma compreensão do uso de pronomes e de seu papel no contexto textual, além de contribuir para o desenvolvimento da interpretação.

Além da anáfora pronominal "ele", a tirinha também utiliza outras formas de retomada textual, como a expressão "esse troço", que faz referência ao objeto tecnológico nas mãos de Zezo. A presença dessas anáforas diversificadas fortalece a coesão do texto, mantendo a unidade temática e permitindo uma leitura fluida. A interação entre a linguagem verbal e não verbal é igualmente significativa, com a imagem de Zezo segurando o objeto e as falas dos personagens contribuindo para a construção de sentido.

Do ponto de vista semiótico, a tirinha representa um momento de lazer ao pôr do sol, integrando elementos da vida cotidiana contemporânea, como o uso de tecnologia. Essa representação oferece uma oportunidade para discussões que envolvem tanto a coesão textual quanto a leitura de elementos visuais, explorando a interação entre os modos verbal e visual. Portanto, a tirinha pode ser um recurso pedagógico valioso para o ensino de interpretação de textos, pronomes, coesão e linguagem não verbal, oferecendo uma visão crítica sobre aspectos sociais contemporâneos.

Figura 3: Tirinha 3



Chantal. Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. *Se liga na língua*. São Paulo, 2018. p. 142.

A análise da anáfora "isso" requer uma avaliação que leve em consideração o contexto textual e pedagógico em que a tirinha está inserida. No último quadrinho, a anáfora "isso" remete ao processo de captação de energia solar

mencionado anteriormente, o que evidencia a importância de uma leitura que articule elementos presentes nos quadrinhos anteriores para garantir a compreensão completa da coesão textual. Nesse sentido, o papel da anáfora é garantir que a narrativa se mantenha coesa e fluida, conectando os eventos e conceitos apresentados ao longo do texto.

A adequação dessa análise ao nível de ensino depende diretamente dos objetivos pedagógicos e da faixa etária dos alunos. No ensino fundamental II ou médio, por exemplo, o uso dessa anáfora pode ser trabalhado tanto em atividades de interpretação de texto quanto em discussões sobre coesão textual e pronomes. Além disso, a análise da linguagem verbal e não verbal, com base nos aspectos semióticos, torna-se relevante, uma vez que contribui para a construção de significado, especialmente na relação entre o texto e a imagem.

No contexto sociocultural, a temática da energia solar reflete questões contemporâneas, como a sustentabilidade e as expectativas em torno de inovações tecnológicas, que também podem ser abordadas em discussões em sala de aula. Os critérios pedagógicos, portanto, devem considerar tanto a capacidade dos alunos de compreenderem esses conceitos quanto a importância de promover uma análise crítica que explore as relações entre a linguagem verbal, as imagens e os temas socioculturais abordados.

Em suma, a análise da anáfora "isso" não pode ser descontextualizada, devendo ser ajustada de acordo com o nível de ensino, os objetivos pedagógicos e o contexto de aplicação, contribuindo para a compreensão da coesão textual e para uma reflexão mais ampla sobre os temas abordados na tirinha.

Figura 4: Tirinha 4



Fernando Gonsales. Níquel Náusea: siga seus instintos. São Paulo: Devir, 2013. p.18. Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. Se liga na língua. São Paulo, 2018. p. 102.

A repetição da estrutura "de quem é esse" na tirinha desempenha um papel coesivo fundamental, criando uma anáfora que une as falas dos personagens e garante a fluidez da narrativa. Esse uso repetitivo de uma estrutura linguística simples, porém rica em significado, é um recurso que pode ser explorado em diversos níveis de ensino, desde o fundamental até o médio, em atividades de interpretação e análise da coesão textual.

A tirinha também se destaca pela variedade de anáforas, utilizando pronomes demonstrativos e substantivos para manter a coesão entre as falas e os objetos mencionados. A coesão textual é assegurada tanto pela repetição estrutural quanto pela progressão temática, em que os personagens discutem objetos diferentes, mas dentro de um mesmo contexto comunicativo. Embora a tirinha apresente apenas dois personagens, a interação entre eles e os objetos distintos que aparecem confere dinamismo à situação retratada.

A imagem, por sua vez, complementa o texto, reforçando o humor da situação e contribuindo para a construção do significado. A interação entre a linguagem verbal e visual é um aspecto essencial na interpretação da tirinha, pois o humor não se sustenta apenas na fala, mas também na maneira como os personagens interagem com os objetos.

Além disso, a tirinha reflete a comunicação cotidiana, oferecendo um exemplo claro e acessível para o ensino de anáfora e coesão textual. Seu potencial pedagógico é elevado, sendo excelente para atividades que visam a ensinar conceitos de coesão, interpretação de textos e a função das anáforas na construção de uma narrativa coesa e significativa.

Considerações Finais

A coesão referencial é um elemento fundamental para a construção de sentido em textos e narrativas, pois permite ao leitor estabelecer conexões entre diferentes partes do texto, favorecendo sua compreensão. No contexto das tirinhas presentes em livros didáticos do Ensino Fundamental Anos Finais, a anáfora desempenha um papel crucial ao promover essa conexão, contribuindo para a clareza e a continuidade do discurso.

Ao longo deste trabalho, foi possível observar como o uso da anáfora nas tirinhas influencia diretamente a coesão textual e a compreensão dos leitores, especialmente dos estudantes dessa faixa etária. As tirinhas, por serem gêneros textuais que combinam elementos verbais e não verbais, oferecem um ambiente dinâmico para a análise da coesão referencial, uma vez que recorrem com frequência ao uso de pronomes e expressões anafóricas para garantir a progressão da narrativa de forma fluida.

As tirinhas analisadas combinam a simplicidade na linguagem, as tornando acessíveis ao público do ensino fundamental, com a relevância dos temas abordados e os aspectos visuais que tornam a narrativa rica e envolvente, fazendo com que as tirinhas sejam um excelente recurso pedagógico, pois oferecem várias oportunidades de ensino, desde a análise da coesão textual até a interpretação de textos e imagens, promovendo uma aprendizagem integrada e contextualizada, e o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação. A identificação e o uso adequado dos recursos de coesão referencial podem ser benéficos aos alunos, especialmente no que se refere ao emprego da anáfora, que atua como um elo entre elementos textuais, evitando repetições desnecessárias e facilitando a interpretação. Desse modo, a coesão referencial se torna não apenas um recurso técnico de produção textual, mas também uma ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância do desenvolvimento da competência leitora e da capacidade de análise crítica do aluno, aspectos que são diretamente aprimorados pelo uso de gêneros textuais como as tirinhas. De acordo com a BNCC, é fundamental que os estudantes sejam capazes de reconhecer os mecanismos de coesão e coerência textual, utilizando-se de recursos como a anáfora para garantir a clareza e o entendimento dos textos. Assim, as tirinhas, por meio de uma linguagem simples e acessível, promovem o desenvolvimento dessas competências, contribuindo para que os alunos não apenas compreendam o texto, mas também sejam capazes de interpretar e refletir sobre seu conteúdo de forma crítica e contextualizada.

Assim, é observado e analisado que o estudo da anáfora e da coesão referencial nas tirinhas dos livros didáticos do Ensino Fundamental é de grande importância para o ensino e aprendizagem de leitura e escrita. Ao compreenderem como as anáforas contribuem para a coesão do texto, os alunos se tornam leitores mais críticos e capazes de compreender com maior profundidade as nuances dos textos, aprimorando suas habilidades interpretativas e comunicativas. Dessa forma, o uso das tirinhas como recurso didático se mostra bastante eficaz, não só por sua linguagem acessível e lúdica, mas também pela possibilidade de explorar mecanismos fundamentais para a coesão e coerência textual. As tirinhas, ainda, apresentam diversos temas relevantes, integrados ao humor, promovem reflexões importantes para o cotidiano, permitindo que os alunos se identifiquem com a história e reflitam sobre suas próprias experiências, desenvolvendo o seu senso crítico diante dos mais diversos contextos socioculturais.

Referências Bibliográficas

ABREU, A.S. **Gramática integral da língua portuguesa** - uma visão prática e funcional. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2018.

AMARAL, Ariadna R.; CLÍMACO, Elizandra D. Brandão. **Gênero textual tirinha: o uso em sala de aula**. Piauí: Anais do COGITE – Colóquio sobre Gêneros & Textos, 2015.

BARTHES, Roland. **Imagem, Música, Texto**. Lisboa: 70ª ed. 1984.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa** (37ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **A Nova LDB: Ranços e Avanços**. São Paulo: Cortez, 1997.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Descrição do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NICOLAU, Marcos. **Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.

ORMUNDO, Wilton. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem/ Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi**. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2018.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1976

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A sistematização do ensino de gramática em atividades de gramática reflexiva e outras**. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Discutindo a prática docente em Língua Portuguesa*. São Paulo: IP – PUC/SP, 2000. pp. 59-70.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ARAÚJO, Maria Helena Santos; PINTO, Maria Teonila de Faria Alvim (1984). **Metodologia e prática de ensino da Língua Portuguesa**. Uberlândia: EDUFU, 1995 (3ª ed).

VYGOTSKY, Lev S. **Aprendizado e Desenvolvimento**. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

VYGOTSKY, Lev S. **Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar**. In: LURIA, Alexander R. et al. *Psicologia e Pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento*. São Paulo: Moraes, 1991.